

*A minha vontade,
por ora,
é conseguir continuar a escrever*



Premio Qualidade Poesia

Escritas Artes

Abril 2008 - Maria Madrugada



Quando se lê MariaMadrugada, lê-se e sente-se um manancial de inteligência, criatividade e de emoções, tudo isto condimentado com uma ímpar originalidade de escrita, como lida e gere todo esse torrencial criativo? (Dionísio)

Tenho de digerir o que a sua questão acarreta; ela própria é torrencial. Procuo, de facto, aliar inteligência e criatividade no que escrevo. Aliás, pergunto-me se haverá criatividade sem inteligência, não sendo embora necessário que se seja excepcionalmente inteligente para se conseguir ser criativo. Perante o que escrevo, estou em constante questionamento e escrever é conversar comigo e com o mundo. Não tenho uma relação muito pacífica com o que redijo. Discuto muito com o que escrevo no decorrer do processo criativo. Este é umas vezes mais efervescente, outras mais linear, mas nunca rígido. Se surge o ímpeto da criação deixo fluir. Depois, na maioria das vezes, tenho necessidade que essa matéria fique a marinar. Às vezes, encontro-lhe pernas para andar e desenvolvo. Noutras vezes, ficam letras sem abrigo por longo tempo até que lhes consiga encontrar uma morada. E isto tudo, para mim, não é mais do que natural. No fundo, o acto de escrever e o "torrencial criativo" que o Dinis refere têm uma forte componente de naturalidade, é uma coisa quase orgânica; e digo quase, porque não é algo cuja falta me impedisse de sobreviver. É nesta base que lido com o "torrencial criativo". Em suma, para mim, escrever é satisfazer uma necessidade: a necessidade de criação. Poderia fazê-lo de outras formas, mas a escrita é o modo de expressão que está mais próximo daquilo que sou.

Racional versus emocional; por onde prefere a Maria fazer caminho com a sua escrita? (Dionísio)

Não consigo eleger na escrita um caminho só. As duas vertentes estão intimamente ligadas, ou não fosse eu humana. Recusar um ou outro caminho seria negar-me, anular-me. Numa criação não me interessa tanto encontrar o autor sob o ângulo biográfico, quero antes encontrá-lo enquanto expressão, quero a sua genuinidade, quero-o enquanto fonte. Então, pergunto: se a fonte está anulada, se não existe, existirá o texto ou o poema? Quero com isto dizer que racionalidade e emoção não são separáveis totalmente, mesmo que uma ou outra sobressaia. Mas já estou a afastar-me da questão. Voltando à Terra: não consigo nem tento enveredar mais por um caminho em detrimento do outro de maneira sistemática. Um cunho mais ou menos racional ou emocional depende sempre do texto em si, do que precisa para existir e se tornar independente. Talvez alguns dos meus textos não sejam conotados à partida com a emoção, o que não será fruto do acaso. Por vezes, gosto de injectar uma primeira camada de racionalidade e atribuir essa aparência ao texto para depois incomodar um bocadinho com as camadas que não se vêem, mas que, para mim, existem e estão mais próximas da emoção, até pela sua invisibilidade e imaterialidade. Porém, isto é só o que, às vezes, tento fazer. Nunca estou nem posso estar certa que resulte dessa forma. Frequentemente, o feitiço vira-se contra o feiticeiro, o que pode ser muito bom e saudável. Mas nada disto é rígido, depende sempre do texto e do seu contexto.

Viveria para escrever, se assim lhe fosse ofertada essa possibilidade?

(Dionísio)

Viver para escrever, no sentido de me dedicar à escrita exclusivamente, no sentido de fazer da escrita um modo de vida? Se se trata disso, eu conseguiria viver para escrever, sim. Mas isso é qualquer coisa que mora noutra galáxia. Além do mais, eu não acredito que essa possibilidade seja ofertada a quem quer que seja, porque tal coisa não se oferta, quando muito é uma contínua procura. Mas posso estar a ser um tanto radical. Viver da escrita, embora difícil, é possível, sendo-se argumentista ou jornalista, por exemplo. Porém, aqui, e se calhar em qualquer caso, surge a questão de se estar a viver para escrever ou a escrever para viver ou sobreviver. Calhando, vai dar tudo ao mesmo. Enfim, depende sempre do indivíduo e das condições que o rodeiam.

Quer falar-nos do seu ser poético? Como se retrata na sua poesia?

(Conceição)

Esta questão é quase indecente. Como é que eu consigo responder? Não me encaro como ser poético. A definir-me, de alguma maneira, neste contexto, defino-me como ser que se entrega à poesia, que se permite ser tocado por ela. Isto acontece, primeiramente, enquanto leitora de poesia, que é o que sou, sobretudo. Na poesia que tento está a minha identidade, estão traços da minha personalidade, estão as minhas dúvidas e a minha relação com elas, estou eu e as minhas verdades para o que me rodeia. Acho que isto é inevitável por mais que disto se fuja. Não quer dizer que tudo seja marcadamente autobiográfico ou que as minhas tentativas poéticas se revistam de terapia ou escape. Isso não acontece. Na poesia que tento sou gerúndio, metamorfose e esforço de desprendimento e abstracção. Ufa!

Tem algum escritor neste site da sua preferência? Quer divulgá-lo?

(Conceição)

Aos meus olhos, no Escritartes há algumas pessoas que escrevem bem. Embora leia e goste de ler mais pessoas e reconheça qualidade a mais colaboradores do que aqueles que vou nomear, quero referir a Ana Marques e o Damasco. Em ambos há um estilo pessoal patente, muita matéria fértil, consistência e inteligência na forma de escrita. Ambos são contadores de histórias. Da Ana quero destacar a versatilidade e a capacidade de renovação. Do Damasco, mesmo não abundando os seus textos no Escritartes, não tenho receio em distinguir a originalidade da escrita, a habilidade e sensibilidade na exposição de ideias e a atenção a detalhes. Tanto, tanto sumo, Damasco.

Não resisto a que me fale um pouco da escolha do seu nick. Importa-se de o fazer? Contém ou é mera coincidência, uma mensagem simbólica?
(Mel de Carvalho)

Posso falar do nick, sim. Eu até lhe costumo chamar pseudónimo, na medida em que ele surgiu unicamente devido à escrita. Contudo, não reunirá todas as condições normalmente aceites para se falar em pseudónimo literário, começando logo pelo facto de aquilo que eu escrevo não ser literatura. Maria Madrugada surgiu por força da necessidade de afastar os meus textos da esfera Ana Jerónimo. Quanto mais livres forem os meus textos melhor para eles e melhor para mim. Mas devo reconhecer que o pseudónimo também serviu para revestir a minha timidez. Tenho ainda de admitir que há um certo paradoxo inerente ao pseudónimo, na medida em ao mesmo tempo que o quis para me desprender do que escrevo, não resisti a fazer com que ele me expressasse enquanto sujeito empírico. Passo então a descodificar o simbolismo: Maria, porque é um nome muito português e eu, apesar de tudo - O que é tudo? Terás as tuas percepções, adivinha, conjectura - , sinto-me portuguesa. Maria, porque "há muitas Marias na terra" e eu gosto de me mover nessa descrição de ser uma entre mais sem grandes alaridos. Maria, porque há ironia em "Maria vai com as outras" e esta Maria aqui só vai com as outras se as outras merecerem ser seguidas. Madrugada, porque é uma das minhas palavras predilectas, porque gosto do que o signo representa; eu gosto da madrugada, tenho uma costela noctívaga, gosto de escrever madrugada fora, gosto da madrugada com vinho tinto, cerveja e cigarros e gosto da madrugada sem nada disto. Maria Madrugada, porque me faz sorrir no seu tique kitsch ou foleiro mesmo. Para mim, há também em Maria Madrugada alguma estranheza, um toque nonsense, que faz jus ao absurdo que sou e somos.

Leio sempre a sua poesia num ápice e, de seguida, releio, releio e volto a reler e, creia, a sensação que tenho é a de que fiquei a anos luz da profundidade que sinto em cada um dos seus poemas, tantas e tantas vezes minimalistas. Sou uma "curiosa" a respeito da forma como se consubstanciam na mente dos poetas, como a considero ser, as diferentes formas poéticas. Gostaria de nos falar como e quando lhe surgem as ideias, os ritmos, as imagens? (Mel de Carvalho)

As ideias dão-se num intercâmbio entre o dentro e o fora. E tanto me surgem de dentro como são despoletadas por alguma coisa que observo. Às vezes - em qualquer altura, não tenho nenhum ritual aqui - nasce-me uma frase e não sei muito bem ou não sei de todo de onde ela vem. Aponto-a. Na maioria das ocasiões as ideias partem da observação de qualquer coisa, de um objecto, de uma situação, de uma pessoa, de alguma coisa que eu ouça ou leia. Muito do que escrevo tem embutido o meu quotidiano; o que faço, lá está, é metamorfosear muito. Os ritmos e as imagens aparecem já depois desta fase, acontecem em conversa e, por vezes, em luta com o texto, quando o estou a trabalhar, a dar-lhe um rumo e a tentar perceber o que o texto merece ou pede. Quanto ao minimalismo, reconheço essa tendência. Estou em crer que ela advém do facto de eu estimar uma certa limpidez, de ter necessidade de atribuir



respiração ao texto; por vezes, é mesmo uma questão de respeito por aquilo o texto abarca, ou que sinto que abarca.

Quer falar-nos um pouco sobre os seus projectos literários? (Goreti)

Para ser franca, eu não tenho projectos literários. Não nego que possa pensar em vir a tê-los qualquer dia, mas não são um objectivo, actualmente. A minha vontade, por ora, é conseguir continuar a escrever.

É uma pessoa que dorme com um livro à cabeceira ou um monte de folhas de papel? (Goreti)

É curiosa a questão. Durmo com um livro à cabeceira e com um monte de folhas de papel. A leitura é, para mim, um imenso prazer e uma experiência que não gosto mesmo nada de dispensar. Quanto às folhas de papel, escrevo quase sempre umas linhas antes de apagar a luz. E depois é necessário que tenha papel e caneta à mão, porque muitas daquelas que para mim são boas frases minhas, surgem durante o sono e, acordando, se não aponto logo em algum lado, no dia seguinte não me lembro das palavras e isso chateia-me. Para mim, a leitura e a escrita são inseparáveis e, particularmente no caso da poesia, se se quer escrevê-la há que lê-la. De preferência, muito. No entanto, penso que isto pode estender-se a outros registos, como por exemplo o teatro, e à escrita em sentido amplo.

